

complexidade, implicam uma dificuldade acrescida.

Foi precisamente para partilhar com os seus leitores as suas reflexões sobre estes dois momentos, à luz de uma fenomenologia da pessoa, que a autora, Pilar Fernández Beites, a quem felicitamos vivamente, nos ofereceu este livro, que recomendamos a todos aqueles que se interessam por estes problemas que são cruciais para a humanidade e quer não podem ser decididos por meros critérios de conveniência económica ou política, pois estão em causa direitos e deveres fundamentais da pessoa humana.

A. OLIVEIRA FERNANDES

PINTO, João Alberto, **Superveniência, Materialismo e Experiência. Uma perspectiva sobre o problema da consciência em filosofia da mente**, Col. «Campo da Filosofia» 28, Campo das Letras, Porto, 2007, 266 p., 210 x 135, ISBN 978-989-625-185-7.

Como o subtítulo deste livro indica, pretende o seu autor dar-nos uma perspectiva sobre o problema da consciência na filosofia da mente, e desenvolve este tema em cinco capítulos.

No primeiro procura apresentar, por meio de exemplos, a ideia de superveniência, decompondo-a em três variedades – a fraca, a forte e a global – com a finalidade de apontar as características daquela categoria que serão mais importantes para compreender os desenvolvimentos da mesma que virão posteriormente.

O segundo capítulo trata da metafísica no materialismo ou fisicalismo, onde aparecem teses em que o uso do conceito de superveniência adquire um significado particular a reavaliar seguidamente.

No terceiro discute-se a relação corporeamente, teoria conhecido com o nome de

funcionalismo, e a integração desta numa teoria plenamente materialista dos estados mentais.

O quarto capítulo trata do teleofuncionalismo e faz uma caracterização do materialismo como tese de superveniência global, compatível com a aceitação da singularidade que está sob investigação científica.

No último capítulo, confronta-se o materialismo com o problema da ocorrência de estados mentais conscientes e é apresentada uma proposta segundo a qual a explicação materialista da experiência continuaria a ser verdadeira ou, ao menos, preferível, pois pode sempre levar a um programa de investigação sobre as características do aspecto fenomenal da consciência, ultrapassando o carácter misterioso ou inacessível, de um determinado facto, à investigação científica.

N. B. – É esta a conclusão a que o autor chega e que, a nós, parece profundamente reducionista, pois não são só as «ciências», com o uso do método experimental, as detentoras da verdade. Há outros ramos do saber, igualmente válidos, que, partindo da fenomenologia da consciência, chegam a questões e a conclusões bem diferentes das do «cientismo» materialista.

A. OLIVEIRA FERNANDES

CANTISTA, Maria José (coord. e prefácio), **Desenvolvimento da Fenomenologia na Contemporaneidade**, Col. «Campo da Filosofia» 29, Campo das Letras, Porto, 2007, 288 p., 210 x 135, ISBN 978-989-625-184-0.

Como se diz no prefácio, esta obra, que inclui estudos de diversos autores, pretende repensar a subjectividade transcendental, a constituição de sentido do fenómeno e a redução, no sentido husserliano da palavra, a partir das exigências da radicalidade do mes-

tre de Friburgo e da reflexão crítica que sobre as mesmas se encontra na pós-modernidade e lhes possibilita novas perspetivações.

Os dois primeiros estudos, sobre o pensamento de Hannah Arendt, pretendem mostrar como, na modernidade, a razão «se mostrou incapaz de pensar o que andava a fazer» e como, no *juízo*, se reconciliam o pensamento e a acção.

O terceiro estudo, *Sobre o mundo da quotidianidade em Alfred Schutz*, «põe em relevo a importância da fenomenologia, quando aplicada ao mundo social» e apresenta-nos os problemas relacionados com a acção humana.

O quarto trata *Do sentido hermenêutico-fenomenológico da historicidade* e, nele, a autora pretende mostrar o sentido de historicidade implícito na noção husserliana de fenómeno, através de uma interlocução com a hermenêutica.

No quinto estudo, sobre *Subjectividade e Racionalidade em Claude Romano*, podemos ver como as noções de sujeito, experiência, mundo, temporalidade e fenómeno ganham novas perspetivações a partir do pensamento daquele autor.

Nos dois últimos capítulos, a autora, no primeiro, estuda a influência de Agostinho de Hipona e de Aristóteles em temas fundamentais da obra de Heidegger (*morte e cuidado*, respectivamente) e, no segundo, *Santo Agostinho no pensamento de J.-L. Marion: uma leitura de «Dieu sans l'être»*, a autora pretende assinalar as afinidades e diferenças da noção de Deus nos dois autores.

Não podemos deixar de felicitar os diversos colaboradores pela seriedade e profundidade dos estudos aqui publicados e a editora que nos permite o acesso aos mesmos.

A. OLIVEIRA FERNANDES

SAMPAIO BRUNO, **Dispersos I (1872-1879)**, Prefácio, fixação do texto, notas e

organização de Afonso ROCHA, recolha de Joaquim DOMINGUES e José Cardoso MARQUES, Col. «Pensamento Português», INCM, Lisboa, 2008, 572 p., 210 x 150, ISBN 978-972-27-1584-3.

O presente volume representa, antes de mais, um não pequeno trabalho de identificação e recolha realizado por Joaquim Domingues e José Cardoso Marques, bem como de fixação do texto, organização e notas, por parte de Afonso Rocha. Trata-se, como enuncia o título, de uma primeira série de escritos dispersos por vários periódicos (1872-1879), parte dos quais de não fácil acesso no presente. São quase seiscentas páginas de texto, em que o leitor pode aceder mais cabalmente ao pensamento de Bruno, mas também ao conhecimento da história de Portugal na segunda metade do século XIX, especialmente nos aspectos político, económico-social e religioso. De Portugal e também da Europa e do mundo. Na verdade, são muitos os factos e as ideias correntes na história do tempo de que o articulista se faz eco nos seus escritos, sempre em atitude crítica.

Como bem nota Afonso Rocha, no Prefácio, através destes dispersos «perpassa [...] todo o dinamismo de mudança e/ou de revolução que na segunda metade do século XIX fustigava o País, através do qual é confrontado com o imperativo da opção entre tradição e progresso, entre pensamento antigo e pensamento moderno, entre antigo regime e igualdade/democracia, entre monarquia e república, entre catolicismo intolerante e inquisitorial e religião do espírito e da consciência» (p. 15).

De facto, desde muito jovem que Bruno se revelou um homem profundamente empenhado no rumo da história, atento, por isso, ao que se passava no mundo. As suas reflexões, publicadas em diversos periódicos